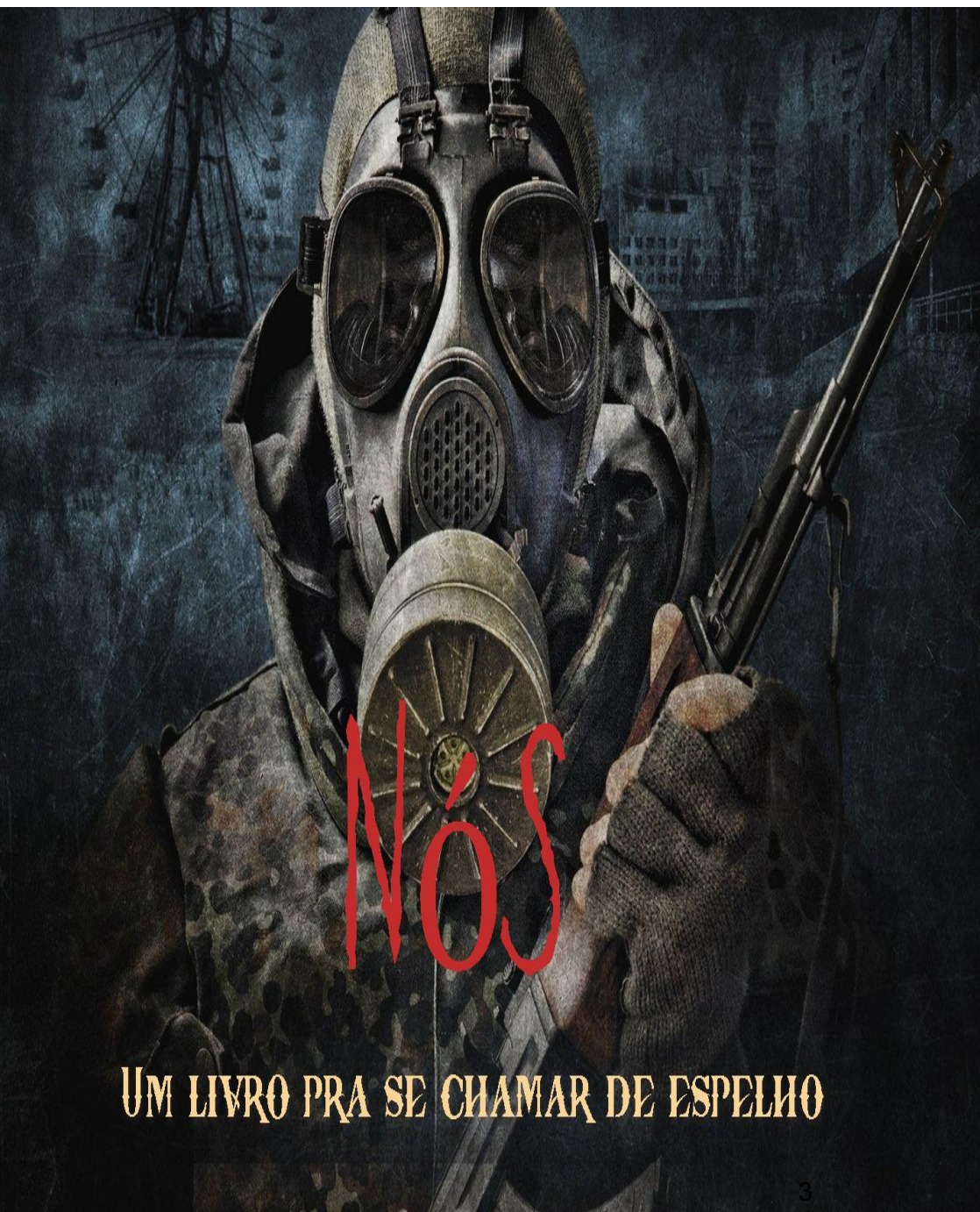




UM LIVRO PRA SE CHAMAR DE ESPELHO

“Esse livro é uma obra de ficção e qualquer semelhança com a realidade pode ser mera coincidência, espero que vocês apreciem a literatura marginal que preparei para especialmente para vocês, nesse livro eu procuro falar sobre temas do nosso cotidiano sabe, coisas que influenciam nossa vida e a gente nem chega a perceber, a proposta é olhar para o mundo ao seu redor, é enxergar o próximo, uma tentativa de promover algo útil para nossa história”.

O autor.

Índice

0-Glossário pág 3

1-Introdução pág 4

2-A vida de lá pela morte de cá pág 5

3-O meu amigo pág 8

4-Um truque mais velho que andar pra frente pág 11

6-Uma Boa Aliança pág 13

7-Dia de pagamento pág 16

8-O Camisa Preta pág 19

9-Uma determinação da Sintonia pág 22

10-Seja bem-vindo ao Hotel Califórnia pág 26

11- Televisão uma ferramenta do mal pág 33

12-O dia das mães sangrento pág 34

13-Minha fatia de mercado pág 35

14-A origem do Russo pág 38

15-A chegada do Dragão pág 42

16-A União faz um bom açúcar pág 45

17-O estatuto do C.C.U pág 46

18-Primeira Guerra Sul-americana do Crime organizado pág 50

20-Vila de sangue no Oriente pág 59

21-Um grande mal entendido pág 64

23-Um intruso a bordo pág 67

24-Esmola demais pág 69

25-Nada é mais será como era antes pág 72

26-Ordem Fraterna Mundial pág 77

O começo do Fim pág 87

27-Final nada feliz pág 91

Glossário

Noia: gíria utilizada para se referir a um usuário de drogas

Crack: nome dado a um entorpecente feito de pasta base de cocaína

Tia: gíria utilizada para se referir a mulheres mais velhas

Pereba: lesão cutânea indefinida

Maloca: gíria usada para se referir alguém da favela ou moradia improvisada de um morador de rua

Trombadinha: menor de idade que vive na rua em bandos cometendo delitos

Roubar no tapa: o ato de furtar e correr

Corre: ação que gera resultado financeiros ou etc, exemplo: isso é fruto do meu corre¹, vou fazer um corre²

Campana: gíria usada para vigia, mas dentro da cadeia também pode significar espelho

Rabecão: gíria usada para se referir ao carro do IML

Intrução: aquele que intruja e trapaceia, conhecido por comprar mercadoria roubada

Burra/Jéga: gíria usada na cadeia para se referir a cama

Rapa: gíria usada na cadeia refere-se a limpeza da unidade

Praia: gíria usada na cadeia para identificar o local onde os colchões são colocados no chão para os detentos de celas superlotadas dormirem

Tiração: Ato de desrespeito

Fecha: fechamento semanal da contabilidade da loja

Frango: gíria utilizada para se referir a uma vítima em potencial

Mandar p/ Bahia: gíria utilizada para assassinar alguém

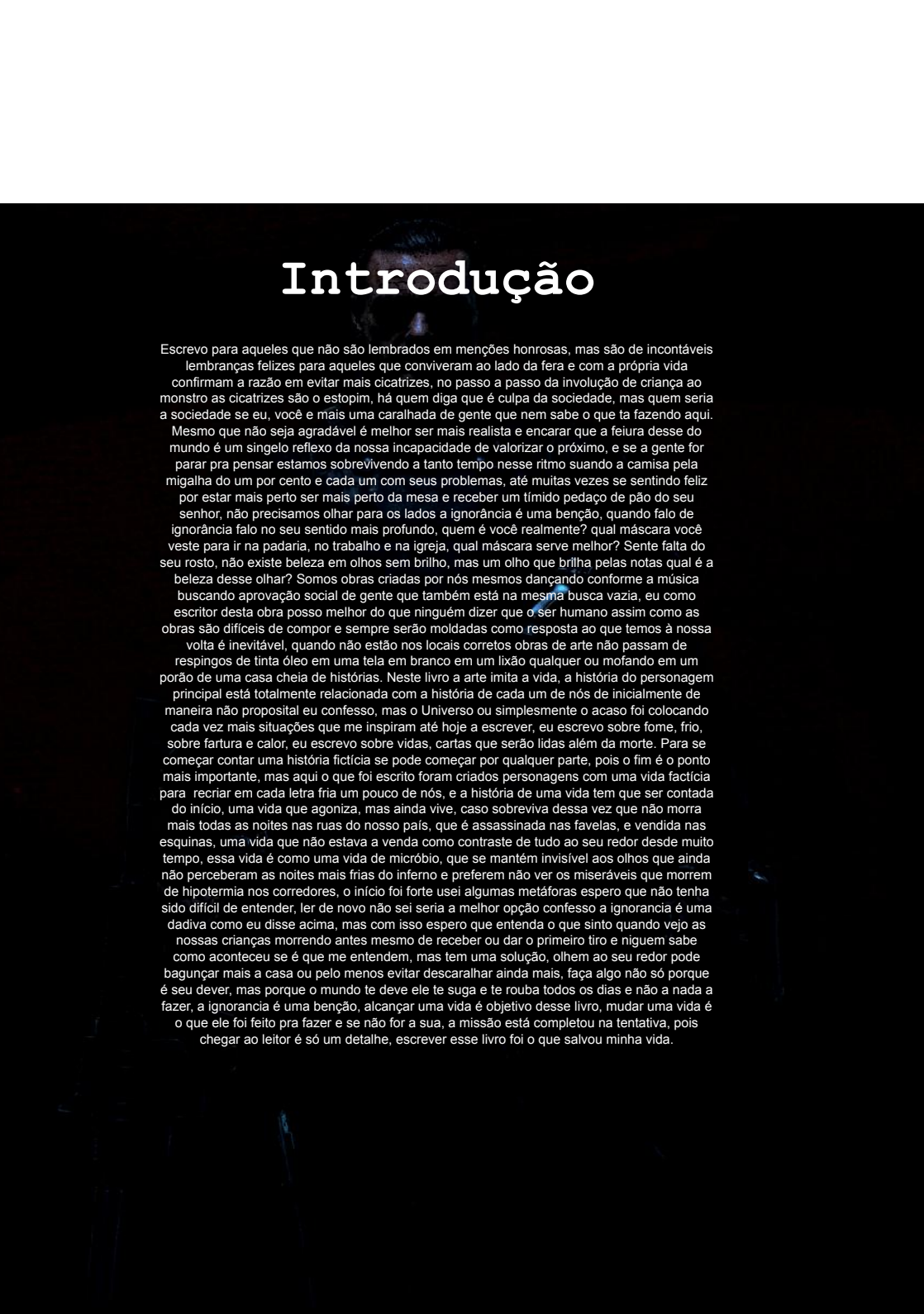
Loja: gíria utilizada para se referir

Virar a Cadeia: significa fazer uma rebelião no presídio

Goma: gíria utilizada para se referir a uma casa

Barra: gíria usada para se referir a um quilograma de droga embalado

Sintonia: Cargo de liderança dentro do Partido



Introdução

Escrevo para aqueles que não são lembrados em menções honrosas, mas são de incontáveis lembranças felizes para aqueles que conviveram ao lado da fera e com a própria vida confirmam a razão em evitar mais cicatrizes, no passo a passo da involução de criança ao monstro as cicatrizes são o estopim, há quem diga que é culpa da sociedade, mas quem seria a sociedade se eu, você e mais uma caralhada de gente que nem sabe o que ta fazendo aqui. Mesmo que não seja agradável é melhor ser mais realista e encarar que a feiura desse do mundo é um singelo reflexo da nossa incapacidade de valorizar o próximo, e se a gente for parar pra pensar estamos sobrevivendo a tanto tempo nesse ritmo suando a camisa pela migalha do um por cento e cada um com seus problemas, até muitas vezes se sentindo feliz por estar mais perto ser mais perto da mesa e receber um tímido pedaço de pão do seu senhor, não precisamos olhar para os lados a ignorância é uma benção, quando falo de ignorância falo no seu sentido mais profundo, quem é você realmente? qual máscara você veste para ir na padaria, no trabalho e na igreja, qual máscara serve melhor? Sente falta do seu rosto, não existe beleza em olhos sem brilho, mas um olho que brilha pelas notas qual é a beleza desse olhar? Somos obras criadas por nós mesmos dançando conforme a música buscando aprovação social de gente que também está na mesma busca vazia, eu como escritor desta obra posso melhor do que ninguém dizer que o ser humano assim como as obras são difíceis de compor e sempre serão moldadas como resposta ao que temos à nossa volta é inevitável, quando não estão nos locais corretos obras de arte não passam de respingos de tinta óleo em uma tela em branco em um lixão qualquer ou mofando em um porão de uma casa cheia de histórias. Neste livro a arte imita a vida, a história do personagem principal está totalmente relacionada com a história de cada um de nós de inicialmente de maneira não proposital eu confesso, mas o Universo ou simplesmente o acaso foi colocando cada vez mais situações que me inspiram até hoje a escrever, eu escrevo sobre fome, frio, sobre fatura e calor, eu escrevo sobre vidas, cartas que serão lidas além da morte. Para se começar contar uma história fictícia se pode começar por qualquer parte, pois o fim é o ponto mais importante, mas aqui o que foi escrito foram criados personagens com uma vida factícia para recriar em cada letra fria um pouco de nós, e a história de uma vida tem que ser contada do início, uma vida que agoniza, mas ainda vive, caso sobreviva dessa vez que não morra mais todas as noites nas ruas do nosso país, que é assassinada nas favelas, e vendida nas esquinas, uma vida que não estava a venda como contraste de tudo ao seu redor desde muito tempo, essa vida é como uma vida de micróbio, que se mantém invisível aos olhos que ainda não perceberam as noites mais frias do inferno e preferem não ver os miseráveis que morrem de hipotermia nos corredores, o início foi forte usei algumas metáforas espero que não tenha sido difícil de entender, ler de novo não sei seria a melhor opção confesso a ignorância é uma dádava como eu disse acima, mas com isso espero que entenda o que sinto quando vejo as nossas crianças morrendo antes mesmo de receber ou dar o primeiro tiro e ninguém sabe como aconteceu se é que me entendem, mas tem uma solução, olhem ao seu redor pode bagunçar mais a casa ou pelo menos evitar descaralhar ainda mais, faça algo não só porque é seu dever, mas porque o mundo te deve ele te suga e te rouba todos os dias e não a nada a fazer, a ignorância é uma benção, alcançar uma vida é objetivo desse livro, mudar uma vida é o que ele foi feito pra fazer e se não for a sua, a missão está completou na tentativa, pois chegar ao leitor é só um detalhe, escrever esse livro foi o que salvou minha vida.

A vida de lá pela morte de cá

Sejam bem-vindos a São Paulo dia de natal de 1991, as arvores das praças estão iluminadas, uma mulher corre e atravessa a rua sob efeito de drogas, ela está grávida a julgar pela barriga parece que vai dar à luz dentro de alguns dias, ela então para no meio da rua alucinando e quase é atropelada por um carro, o pneu derrapa, o cheiro de borracha queimada sobe, o motorista do carro buzina e o carro passa por um triz, mas ela se mantém imóvel segura em suas alucinações, essa pobre mulher vive para o sustento do vício, e por conta do vício que se sustenta cada dia o inflexível dilema de sobreviver invisível aos olhos de todos, o filho que essa mulher espera na barriga é consequência da busca pelo sustento desse vício, o garoto pode ser filho de um traficante qualquer ou algum outro nóia que “ fortaleceu” numa pedrinha de crack em troca de uma noite de lascívia na maloca suja, ela nem se lembra quantas noites foram ou quantas noites ainda faltavam para que um dia ela pudesse se ver livre da dívida, não demorou muito para a criança nascer e nasceu no dia 25 dezembro, era noite de natal e na selva de pedra nascia um menino, reze para Cristo como diz a história, nascia mais um “pobre menino pobre” no habitat onde misericórdia

você só vai achar escrito em algum livro de capa preta debaixo do braços das tia* da igreja e só, e que seja bem-vindo ao mundo menino.

Lembra que eu disse que uma vida se começa a contar pelo começo, quase todo garoto da rua é de alguma forma igual a o nosso “pobre menino pobre” e isso é uma regra do jogo, a criança até recebeu atenção pois a “mãe-nóia” se esforçava muito para manter o bebe vivo, já que ele tinha sobrevivido a inúmeras tentativas de aborto, a sobrevivência do bebe era algo divino para a mente sequelada da jovem usuaria de crack, o bebê nasceu perfeito e ela fumou crack todos os dias de gestação fora as tentativas criativas de aborto, só podia ser um milagre era impossivel, assim ela passou a chama-lo de Vitória, nome que não pegou, também porque a infeliz só viveu até o pequeno Vitória fazer 1 ano, alguns dizem que ela morreu em uma cobrança por dívida de drogas ou que finalmente foi atropelada em uma noite de alucinações, isso tanto faz pra mim enquanto narrador dessa historia, afinal qual importância dela, ela não tinha família ou milhões de fãs nas redes sociais, ninguém sentiu sua falta, ela tinha cicatrizes no corpo, na mente e na alma, marcas de “pereba*” espalhadas pelo corpo inteiro ao invés de maquiagem e tatuagem, seu sorriso era muito longe do Colgate por só possuir alguns dentes, não se via necessidade de higiene bucal e a janelinha até facilitava o encaixe do cachimbo, seu jeito cadavérico de andar deixava claro que aquela nóia* já estava fazendo hora extra entre nós.

O garoto foi crescendo com a ajuda de tia Francisca uma ex-prostituta que era amiga de sua mãe antes do declínio que a droga lhe proporcionara, sua rotina era simples e se baseava em conseguir comida e um lugar para dormir, não demorou muito para ele fazer amizades com outros garotos que viviam na mesma situação e com eles pode aprender a ter ambição e com ela veio a ganancia, por que não importa o quanto seja o ser humano paga qualquer preço para obter o que quer, e pagaria ainda mais caro pelo que ele acha que não poderia ser dele, Vitorio foi vigarista mirim nas ruas de SP quantos desavisados não caíram na sua lábia, mas era bom mesmo em roubar e furtar, na infância conheceu o poder entorpecente e maravilhoso da cola de sapateiro que o ajudava a vencer as noites frias, em uma dessas noites frias conheceu o crack uma pedra capaz te levar para andar com os anjos, te fazer se sentir o unico habitante de um mundo inteiro de sensações intensas que neutralizam qualquer sentimento por alguns segundos, só para no minuto seguinte te abandonar na realidade humilhante de existir no inferno terreno, enquanto os anjos do inferno dentro e fora de você zombam da sua inutil existencia oprimida que se perde em busca do próximo trago, o crack parou de ser consumido por Vitorio quando ele tinha seis anos e estava agachado embaixo de uma marquise junto com Clebinho que na epoca tinha 10 anos, eles preparam as cinzas de cigarro sobre os furinhos feitos na lata de refrigerante Vitorio não tinha muita cordenação para fazer isso, mas Clebinho ajudou o

amigo, depois de usarem a droga, Clebinho esticou o cochinete que estava com ele no chão se deitou e se cobriu pois já era por volta de onze e meia da noite e aquela noite fazia frio em SP, Vitorio se afastou um pouco para dar mais um trago em um lugar que não batia vento para tentar vencer o frio, depois de alguns minutos ele ouve xingamentos e a voz do seu amigo Clebinho gritando:

—Não “faz” isso moço por favor.

Mais Vitório estava imóvel, completamente entorpecido, com dificuldade se inclinou e viu alguns metros abaixo homens brancos de cabeça raspada chutando num ritmo intenso seu amigo no chão, Vitorio até tentou gritar, mas da sua garganta não saía som nenhum, então um homem com uma tatuagem no pescoço foi no carro buscou um galão de cinco litros e começou a despejar em Clebinho que só implorava por favor e pelo amor de Deus, pedidos inúteis, pois nesse mundo Deus não costuma atender pedidos, e naquela noite Clebinho foi queimado vivo e Vitório assistiu toda cena imóvel e quando o efeito da droga passou seu amigo já era só o cadáver pegando fogo sobre um colchão embaixo de uma ponte qualquer em SP, cenas fortes eu sei, mas acredite se quiser são mais comuns do que se imagina no mundo que vivemos tudo tem um preço e a vida é o que vale menos.

Vitorio ainda garoto foi presenteado pela sociedade com o desrespeito e preconceito que vem de praxe

para todos os garotos pobres da mesma idade, no mundo em que vivemos não queremos conhecer o outro, e esse desconhecer seu semelhante é o que traz o medo do semelhante, e o medo é uma reação química do cérebro que nos faz agir e como dizia Emicida “você sabe como termina o enredo”, as “pessoas de bem” se trancaram com medo do pouco que a vida deixou fosse roubado delas, se trancando contra a própria vida e o que ela reserva, o medo também serviu de um bom incentivo para Vitorio que por medo de morar naquela calçada suja para sempre e conviver com o preconceito diário e o terror noturno, Vitorio ficou mais esperto não dormia mais fora da maloca* da dona Francisca, quase todas as noites era acordado pelos gritos de Clebinho, Vitorio começava a planejar um futuro mais parecido com o do outdoor da Doriana, mas os medos continuavam, era normal ter medo dos policiais “normais” que ensinavam a chamar rato de senhor a base tortura mental e força bruta, se pegassem algum trombadinha* cheirando cola era cassete na certa, isso quando eles não te levam pra dar uma voltinha, mas o pior dos medos pra quem morava naquelas ruas eram os “policiais da sexta-feira santa” como eram chamados (toda sexta-feira uma viatura policial passava e os policiais jogavam água, lixo, urina, atiravam para o alto ou atiravam na mão de algum trombadinha conhecido que encontrassem pelo caminho) era uma cena aterrorizante era possível saber que os policiais da sexta-feira santa se aproximavam pelos gritos de desesperos dos moradores de rua, gargalhas e

barulhos de tiro, Vitorio que não era bobo, evitava ser visto para que não fosse lembrado e também nunca gostou de depender dos outros, ficar dividindo seus lucros com o outros trombadinhas, ele preferia agir sozinho porque assim ficava mais fácil a fuga e a divisão, e aprendeu bem cedo a roubar no “tapa”* como se dizia entre os garotos, era fácil só roubar e sair correndo, logo Vitorio aprendeu a andar de bicicleta, quer dizer quase isso, mas pelo menos conseguia pedalar em linha reta por alguns metros, o garoto deu mais um trago na cola de sapateiro e partiu dessa vez junto com outros trombadinhas para o “corre”*, a maré não estava pra peixe e estava difícil de achar uma vítima desavisada, nosso filho tentou puxar uma bolsa, mas a dona da bolsa notou a movimentação e agarrou a bolsa junto a corpo, Vitorio viu que não ia conseguir arrancar a bolsa da mão dela sem ajuda e os outros trombadinhas estavam espalhados tentando achar outra vítima, Vitorio então saiu correndo e entrando em algumas ruas do centro até sumir da vista de todos que presenciaram a tentativa de assalto, ainda respirando ofegante se recuperando da fuga, ele vê uma bicicleta encostada na frente de uma loja “dando sopa”* olhou para os lados e não pensou duas vezes e montou em cima da bicicleta, foi a primeira vez que roubou uma bicicleta parecia que seu coração ia explodir para fora do peito, seus pés não alcançavam o chão e seu corpo franzino não estava tão habituado a andar de bicicleta fazendo ele andar em zig zag às vezes pela falta de equilíbrio, mas o melhor incentivo para o

sucesso da empreitada era o dono da bicicleta correndo atrás do nosso filho e gritando:

–Polícia, polícia, alguém me ajuda por favor, ei pega esse moleque, ele roubou minha bicicleta!

Enquanto isso Vitorio seguia pedalando desajeitado e desequilibrado subindo calçadas e esbarrando nos transeuntes, até sair de vista do homem que gritava desesperado por ajuda, Vitório não sentia medo de cair e seguiu descendo pelas escadas do centro de forma brusca e atravessando cruzamentos enquanto carros derrapavam ao som de xingamentos e buzinas.

Com a fuga concluída o garoto e a bike até pareciam um só, Vitorio gostou tanto da bicicleta que resolveu ficar com ela ao invés de vendê-la, ele estava mais ou menos com seis para sete anos e ninguém da quadrilha de trombadinhas tinha uma bicicleta poucas vezes alguém tinha trazido uma bicicleta para maloca, e com muito custo Vitorio convenceu Poco Rango e Japenga os seus melhores amigos, que ficar com a bicicleta seria vantajoso para o grupo, graças as marmitinhas que a igreja estava distribuindo na praça aquela tarde eles não precisavam se preocupar em dormir com fome aquela noite, o que era um bom argumento para não vender a bike, mas ainda faltava a cola e como conseguiu-la?

O destino estalou os dedos e japenga teve sua melhor ideia, roubar onde nunca pensaram em

roubar antes e com esse roubo eles teriam cola até para vender disse Japenga animado, o estalar de dedos do destino todos sabem que é implacável e nunca vem acompanhado de uma música dançante, ao olhar do outro lado da rua viram o sapateiro fechar a sapataria a luz do sol “alaranjava” as ruas no entardecer, resolveram então esperar escurecer um pouco para invadir a sapataria e furtar tudo que desejassem, em si a ideia era boa Poco Rango insistia em combinar uma estratégia para a invasão, mas Japenga e Vitório não estavam nem se importando com a mania de estrategista de Poco Rango, que depois de ser zuado* por Japenga e Vitório resolveu ceder e seguir os amigos no improviso.

O meu amigo

Não demorou muito para escurecer e eles não fizeram muita cerimonia já arrebentaram a janela do fundo e pularam para dentro da sapataria escura se esgueirando entre as prateleiras para encontrar a tão “necessaria” cola de sapateiro, as crianças só não contavam com a volta do sapateiro que ao chegar em casa viu sua mulher deitada na cama com outra mulher delirando de prazeres que ele jamais proporcionaria, ele até pegou seu revolver calibre 32 com três balas para matar as duas e se matar o numero de balas confirmava o que era pra acontecer aquela noite, mas aqueles chifres eram mansos demais para ação, e assim o sapateiro voltou armado chorando pensando em se matar dentro do único lugar onde se sentia útil, se sentia homem macho, na sua oficina, no caminho ele chorava e se retorcia como se estivesse sentindo muita dor, durante o caminho de a pé as vezes cambaleava como se estivesse bebado. Todos que viram ele andando pela rua sabiam que aquele homem estava no seu limite, seus olhos caíam muitas lágrimas e ele se ficava sussurrando uma indagação talvez a si mesmo ou para Deus, ele só conseguia chorar e se questionar porque isso estava acontecendo enquanto seguia o seu caminho, na sua mente passava uma espécie de filme com as memórias felizes com sua esposa filme esse que era substituído pela cena das duas

mulheres na cama e das vezes que ela o enganou, depois de 15 minutos andando e chorando o sapateiro chegou e começou a abrir o portão, as crianças por sua vez ouviram e já estavam se escondendo enquanto Poco Rango sussurrava dando um sermão sobre ter avisado que era bom ter ficado um lá fora de “campana”*, o sapateiro entrou percebeu que alguém tinha entrado pela janela de vidro dos fundos e perguntou:

–Quem está aí?

E como resposta as crianças jogaram algumas latas que estavam em suas camisetas que nesse momento serviam como mochila para o transporte da mercadoria furtada, foi “um corre, corre só”, então enquanto corriam as crianças ouviram dois estampidos sequenciados “pac, pac” acompanhado de um terceiro alguns segundos depois “pac” e este último seguido por um silêncio que causava arrepios na espinha e calou por alguns segundos o bairro barulhento do centro de SP, Vitorio olhou para os lados e só viu Poco Rango que estava respirando ofegante alguns metros atrás dele, os dois se olharam e novamente olharam para os lados e quando se olharam de novo parece que um sabia exatamente o que o outro estava pensando, os dois largaram as latas e voltaram correndo até a sapataria e lá eles viram primeiro o corpo de um suicida covarde já sem vida e logo atrás do balcão depois de alguns metros o franzino Japenga agonizando se afogando com o próprio sangue, dava para ver que tomou dois tiros só não se via

aonde a luz dos postes na rua iluminava a loja de forma parcial, eles chegaram mais perto e viram o seu amigo puxando folego atrás de folego tentando evitar a morte que já estava ali só esperando a segunda vida da noite a ser tragada, era o fim dos três mosqueteiros.

"Mesmo no inferno é possível sorrir, e no sorriso das crianças foi onde se escondeu o céu."

A cena foi forte os amigos não comentaram o que viram com ninguém, naquela noite os dois só cheiraram cola, não choraram, não sentiram fome e nem fizeram questão na hora de doar a marmita para custelinha o cachorro de rua que além de mascote era membro ativo da gangue de trombadinhas, no dia seguinte todos os que comeram as marmitas começaram a passar muito mal, começando por dona Francisca que adorava o tempero das marmitas doadas pela igreja, Francisca ficou totalmente à mercê da febre e da ânsia de vômito que agora era um sintoma de quase todos que dormiram na maloca aquela noite e se alimentaram das marmitas tudo isso acontecendo e os garotos se mantinham em silêncio em uma espécie de estado de choque amortecido pelas drogas, e não demorou para que mesmo acamada Francisca percebesse que algo tinha acontecido com os garotos que até a cola já

estavam desgostosos de cheirar, não se via mais os dois garotos fazendo arte ou pedindo comida o que era estranho pois desde da noite anterior não se alimentavam os dois mortos de fome, logo com o passar das horas do dia seguinte Francisca vivida como era deduziu ter sido envenenada, não só ela como todos que comeram aquelas marmitas entregues na noite anterior, Francisca ficou triste ao saber que os dois garotos não tinham comido das marmitas envenenadas, ela preferia ver os dois garotos mortos do que deixar que encarassem mais um dia a selva de pedra e sua injusta cadeia alimentar, ela observava de longe o sofrimento de cada um que vivia naquelas ruas a morte para ela era uma espécie de alívio, a chance de finalmente sair dessa vida miserável e ir para o além seja lá o que for e onde for, para a maioria das pessoas morrer é desesperador, para os moradores daquelas ruas era um alívio, uma chance de sair das profundezas do inferno e ir para qualquer lugar que fosse longe daquele esgoto, finalmente Deus ouvia as orações dos seus filhos e agora eles só teriam que aguentar mais algumas horas e no máximo dias, no caso de alguns para que esse sofrimento chegasse ao fim quando o veneno tivesse cumprido seu papel, dando alívio para os corpos que agonizavam nas calçadas do centro, a maloca estava lotada e a maioria dos seus moradores estavam deitados se retorcendo de dor, esperando a morte chegar.

Francisca chamou então Pulguinha como Vitória era chamado de forma carinhosa por dona Francisca durante a infância: –Pulguinha, vem cá!

Quando menino chegou perto dela ela disse:

–Garoto, Deus às vezes dá coisas ruins para as pessoas boas, e dá coisas boas à pessoas ruins, mas saiba que tudo que acontecer é porque são lutas dignas de você, eu vivo a anos nessas ruas, muito do que eu vi você também vai ver e não vai ser fácil, por isso seja forte, é necessario que tudo seja assim, existe um mundo melhor e bem maior do que essa sarjeta que vivemos, e um dia você vai conhecer esse mundo também, eu sei que o Japenga “se foi”, eu não sei como, mas eu sei que “se foi”, eu vejo isso nos seus olhos meu filho não da para esconder, e eu também estou indo embora como você também pode ver nos meus, aprenda os olhos das pessoas são as janelas da alma filho, eles não mentem bem por muito tempo, agora posso agradecer a Deus por finalmente ouvir minhas suplicas e lamentações, meu sofrimento acabou vou finalmente descansar e tudo que eu levo comigo é a tristeza dos frutos que colhi, eu não me orgulho do que cultivei, mas passei muito tempo vivendo do arado para me arrepender dos frutos da terra, talvez hoje você não me entenda Vitória, mas vai fazer sentido quando você crescer, a comida que comi ontem foi feita por alguém muito mal, que mau sabe o bem que estava me fazendo, o que ontem foi veneno hoje se torna o antídoto de todo meu sofrimento, daqui a algumas

horas eu já não vou estar mais aqui, e você vai seguir crescendo porque é forte e foi escolhido.

O pobre garoto ficou desolado e sem resposta para tudo aquilo, e começou a chorar com essa despedida, só conseguia dizer que era mentira o que a verdade havia esfregado na sua cara em letras grandes, até onde ia a maldade do homem, pessoas sendo queimadas nas ruas, um dos seus melhores amigos foi assassinado a tiros e sua mãe de criação foi envenenada e por quem, para que? E por que? Quem ganhava e o que ganhava com toda essa maldade no mundo? Perguntas essas que insistem em se manter sem resposta para uma pobre criança de quase sete anos.

O dia seguinte amanheceu frio como os sete corpos que permaneceram imóveis durante o decorrer dos dias que se passavam até o cheiro começar a incomodar os transeuntes e alguém tomar uma providência e o rabecão* chegar, o garoto se tornou forte absorveu o último ensinamento da velha Francisca e se preparou para esperar o pior dia após dia, como bom aluno aprendeu com a sociedade o que é ser sociável e foi desumanizado pela própria sociedade, ainda criança aprendeu que o mal é relativo entre quem o faz e quem o recebe, o mal para o outro quase sempre seria bom para ele, aprendeu que a bondade do homem doa com uma mão, mas a ganância humana toma com a duas mãos de quem precisou da doação da bondade, aprendeu que a melhor forma de ser ouvido é através da violência,

mas por outro lado o tornava impossível de ser entendido, parecer forte, poderoso e impiedoso eram objetivos brilhantes na mente do garoto, ele até tentou vender balas no farol conversando sozinho com carros de vidro fechado numa tarde quente, o ar do lado de fora era seco e amargo e seguia condicionado pela fome de alguns dias, o que o levou rapidamente levou nosso filho a profissão de quebrador de vidros e se especializou no de crime furto qualificado no farol, levava de tudo GPS, celulares e bolsas, o vidro aberto ou fechado para ele agora não fazia a mínima diferença, pouco importava agora se seria na bala de goma ou na de ponto quarenta o objetivo do garoto seria alcançado todos os dias antes de dormir, o garoto seguiu orfão foi criado pela própria sociedade por isso corriqueiramente o chamarei de nosso filho, afinal a sociedade que vivemos que educou o nosso filho, seu primeiro círculo social durante a primeira fase da infância foi formado por pessoas que ele viu morrer na sua frente, em sua maioria envenenados, outros assassinados a sangue frio, nosso filho desde cedo se acostumou a esperar o pior da sociedade, depois da morte de dona Francisca nosso filho estava se deixando levar pelo vício nas drogas e cada vez mais ele estava consumindo crack.

Um truque mais velho que andar pra frente

Nosso filho roubava e não era para comer bem ou andar nas melhores roupas o garoto perdeu as esperanças de um dia sair daquelas ruas e o olhar de nojo das pessoas só confirmava que ele era diferente e que talvez estivesse no lugar certo, a rotina era roubar, comprar drogas e ficar andando alucinado de cola e de crack pelas ruas do centro a procura da próxima vítima como uma miniatura violenta da sua mãe, mas nosso filho sempre foi um garoto especial e nunca estava sem dinheiro ou algum entorpecente, por isso a maior parte do tempo estava cercado de “amigos”, com 8 anos já tinha uma reputação entre os trombadinhas e não era um garoto de muitos amigos, nessa época se especializou em aplicar golpe da jóia que aprendeu com um intrujão conhecido como Velho Burro que mesmo que não fosse flor que se cheire gostava muito do nosso filho e insistia em tentar tirar o